

## EDUARDO CARLOS PEREIRA

Odilon Nogueira de Matos

Figura que desde menino aprendi a admirar e a respeitar foi Eduardo Carlos Pereira. O fato de minha família pertencer à mesma comunidade evangélica a que pertencia o ilustre professor e gramático, fez com que seu nome fosse sempre mencionado em nossa casa, aureolado com as características que fizeram dele um dos grandes vultos não apenas do protestantismo, mas da própria cultura brasileira. E chegado o tempo dos estudos, foi nas suas gramáticas que aprendi o que sei da língua portuguesa. Nada do que apareceu posteriormente, mais moderno e sofisticado, ensinou-me qualquer coisa que não constasse das páginas do velho gramático mineiro. Tenho-lhe, por isto, enorme gratidão, como tenho também por Otoniel Mota, cuja vida muito se assemelha à de Eduardo Carlos Pereira, pois ambos foram pastores e filólogos e ambos companheiros num dos mais significativos movimentos da história do protestantismo brasileiro: a cisão presbiteriana de 1903, da qual resultou a organização da Igreja Presbiteriana Independente, a primeira organização evangélica nacional, inteiramente desvinculada das missões norte-americanas.

A melhor maneira que encontrei para testemunhar a Eduardo Carlos Pereira o reconhecimento que confesso dever-lhe, foi propor seu nome para uma das ruas de nossa cidade, quando integrei à Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, ao tempo de Lauro Péricles Gonçalves na Prefeitura. Aprovada, foi minha proposta transformada em ato oficial pelo decreto nº 4344, de 25 de outubro de 1973. Da justificativa, fiz constar os seguintes dados:

Filólogo, gramático e líder religioso, Eduardo Carlos Pereira nasceu em Caldas a 8 de novembro de 1855 e faleceu em São Paulo a 2 de março de 1923. Foi uma das figuras exponenciais do protestantismo brasileiro, vinculado à Igreja Presbiteriana. Coube-lhe liderar o movimento de 1903, que resultou na cisão dessa Igreja, dando origem à Igreja Presbiteriana Independente. Foi pastor, por mais de quarenta anos, da Primeira Igreja Presbiteriana de São Paulo, então sita à rua 24 de Maio, na capital paulista. Lecionou no Ginásio do Estado, de São Paulo, tendo escrito as gramáticas expositiva e histórica, que alcançaram numerosas edições e foram, em seu tempo, as mais divulgadas no Brasil. Deixou, ainda, obras de interesse religioso, tais como **O problema religioso da América Latina**, **A Maçonaria**

e a Igreja Cristã e As origens da independência presbiteriana. Nesta última, traça a história do mencionado movimento de 1903, do qual participaram, também, e entre outros, os pastores Otoniel Mota, Bento Ferraz e Ernesto Luiz de Oliveira, todos antigos professores de nosso tradicional Ginásio do Estado.

É pouco, realmente, como biografia de um grande homem, mas o suficiente para fundamentar a proposta e dar uma idéia, quando, um dia, se elaborar um dicionário das ruas da cidade, de quem foi o patrono da respectiva via pública. Solicitei, em minha proposta, que o nome de Eduardo Carlos Pereira fosse atribuído a uma das ruas do bairro denominado Cidade Universitária, na época todas elas ainda sem denominação, conhecidas apenas por números. Pareceu-me o local mais indicado para uma via pública que ostentasse seu nome. Infelizmente, não fui atendido neste particular. O nome do grande gramático e pastor foi dado a uma pequena rua, num dos bairros modestos da periferia. Não importa. O que interessa é o sentido da homenagem. Eduardo Carlos Pereira figura, hoje, nos retângulos azuis de uma via pública, embora pequena e modesta, na cidade de Campinas.

Além de Campinas, de São Paulo e sua própria cidade ( a velha Caldas, em Minas Gerais ), não sei de outra cidade onde o nome de Eduardo Carlos Pereira fosse lembrado para denominação de via pública. E aqui vai uma sugestão à comunidade presbiteriana-independente, para que se empenhe junto às diversas cidades brasileiras neste sentido, pois a Igreja que ele praticamente fundou espalha-se hoje pelo país todo. É com prazer que registro que Eduardo Carlos Pereira é patrono de uma das cadeiras da Academia Paulista de Educação, justamente a cadeira ocupada pelo fundador da entidade, meu preclaro confrade Aquiles Archero Júnior, que teve a feliz idéia de escolher o nome do grande líder religioso e gramático como nume tutelar da cadeira que ocupa na Academia.

Eduardo Carlos Pereira faleceu quase no mesmo dia em que Rui Barbosa. Este, no dia primeiro e aquele no dia 2 de março de 1923. A "Revista de Língua Portuguesa", em número especial, publicado em fins daquele ano, enfeixou em suas páginas quase toda a matéria publicada na imprensa do Rio de Janeiro sobre Rui Barbosa nos dias seguintes ao seu falecimento. E abriu espaço, também, para um artigo ( o único, aliás, além da matéria sobre Rui ) sobre Eduardo Carlos Pereira, da lavra de um seu colega, então pastor no Rio de Janeiro, o rev. Odilon de Moraes. Nunca mais vi nada — a não ser artigos em jornais — sobre Eduardo Carlos Pereira, até que aparecesse, em 1983, o livro de Adolfo Machado Corrêa, "escritor e poeta cristão", e também pastor da mesma comunidade evangélica, infelizmente falecido em março do corrente ano, após brilhante carreira consagrada à sua Igreja.

Ao tempo em que exerci o cargo de secretário da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, Adolfo Machado Corrêa trabalhou algum tempo conosco, prestando serviços junto à cadeira de Língua e Literatura Grega, então regida pelo saudoso Aubreton, um dos últimos grandes mestres franceses a ilustrarem o curso de Letras do importante instituto universitário. Conhecia Machado Corrêa de seus livros de natureza devocional (*A carreira cristã*, por exemplo) e de escritos no jornal de sua igreja, nos quais freqüentemente tratava de importantes questões de doutrina. Guardo dele excelentes recordações e o livro sobre Eduardo Carlos Pereira fez-me reencontrá-lo, disposto, agora, a preencher sensível lacuna na história da Igreja Presbiteriana Independente, qual seja a falta de uma biografia de seu próprio fundador. Não vou dizer que o livro de Machado Corrêa esgote o assunto. Não. Há aspectos na personalidade de Eduardo Carlos Pereira que restam por ser estudados de maneira mais completa do que o fez seu biógrafo. Mas, Machado Corrêa oferece-nos o essencial e ninguém melhor que ele para, um dia, complementar seu livro naquilo que poderá ser reclamado, se Deus não o houvesse chamado para a sua glória.

Tratando de seu biografado sob os mais variados aspectos, pois era "dotado de personalidade ampla, que abrangia vastos horizontes", o livro de Machado Corrêa cuidou particularmente do "pastor de almas, a sua vocação celestial, o realce maior de sua preciosa vida" e, nessa qualidade, "a sua maravilhosa missão de profeta e de apóstolo".

Alguns aspectos da vida de Eduardo Carlos Pereira são demais significativos, capazes de reterem a atenção de todos os que se interessam pelo problema religioso no Brasil. Primeiro: a sua luta em favor de uma igreja nacional, a mais independente possível das missões norte-americanas; isto levou-o, já foi dito, a liderar o movimento de que resultou a cisão presbiteriana de 1903 e, conseqüentemente, a organização da Igreja denominada "Presbiteriana Independente". Segundo: sua atitude anti-maçônica, mostrando, através de diversos escritos, a incompatibilidade entre a Maçonaria e a Igreja Cristã. Terceiro: sua obra pastoral, por muitos anos, à frente de importante igreja na capital paulista. Quarto: sua preocupação com a formação de pastores e com a educação cristã em geral. Quinto: o jornalista, que, à frente da "Revista das Missões Nacionais" e de "O Estandarte" (ainda hoje o órgão oficial de sua igreja), defendeu valiosas proposições de interesse não apenas religioso, mas também pedagógico. E, finalmente, a experiência, não muito animadora, no Congresso do Panamá, em 1916, ao qual compareceu como delegado do protestantismo brasileiro. Se o Congresso panamenho não o entusiasmou (como não entusiasmou também a Erasmo Braga), propiciou-lhe,

contudo, ensejo para escrever sua obra mais importante, **O problema religioso da América Latina**, publicada em 1920. Boa parte do livro de Machado Corrêa é dedicada à recensão dessa obra.

Provocou o livro de Eduardo Carlos Pereira a mais acirrada polêmica católico-protestante já travada no Brasil, na qual se engalinharam, do lado católico o jesuíta padre Leonel Franca e, do lado protestante os pastores presbiterianos Ernesto Luiz de Oliveira, Otoniel Mota e Lisânias de Cerqueira Leite. Polêmica inútil, como todas o são, sem qualquer saldo positivo. Nenhum dos contendores sentiu-se abalado em suas convicções. Ao contrário. Leonel Franca saiu da peleja ainda mais jesuíta e seus opositores mais presbiterianos. E não tivessem falecido todos os contendores, certamente a polêmica prosseguiria, pois um dos pastores não chegou a publicar senão o primeiro dos vários volumes anunciados.

Houve tempo em que estiveram em moda no Brasil as polêmicas religiosas, especialmente entre católicos e protestantes. Como disse, nunca vi mérito nelas. Nunca serviram para coisa alguma. Duvido que alguém, por elas, tenha se abalado nas suas convicções religiosas. Só serviam para os católicos ficarem ainda mais católicos e os protestantes ainda mais protestantes. Mas elas não podem ser ignoradas, pois refletem momentos significativos do pensamento ou da mentalidade, diria até, da história religiosa no Brasil. Talvez tenham sido mais ardorosas do lado protestante. Prova-o uma imensa literatura, desde o século passado, e que constituiu, por muito tempo, leitura predileta nos meios evangélicos. Hoje, certamente não o seria. Nem creio que nas igrejas protestantes de hoje haja clima para esse tipo de literatura: por exemplo, os depoimentos de padres que renegavam o catolicismo e abraçavam o protestantismo e, conseqüentemente, se julgavam no dever de publicar livros mostrando os "erros do romanismo"; ou, então, obras, européias ou norte-americanas, mostrando as diferenças entre as duas religiões: **Nossa crença e a de nossos pais**, de Schaff, **Inovações do Romanismo**, de Collette, o **Compêndio de controvérsia entre a palavra de Deus e a teologia romana**, dos italianos Sanctis e Moreno, entre outras. Ou os livros, já mencionados, "provocados" pela obra de Eduardo Carlos Pereira.

E se não há mais esse clima entre os protestantes, quero crer que também não haja entre os católicos. O "aggiornamento" da Igreja após o Segundo Concílio do Vaticano, fez alterar substancialmente o relacionamento entre as duas grandes igrejas cristãs, numa linha quase oposta ao espírito tridentino da Contra-Reforma. Já foi dito por um líder católico que as muralhas que dividem as duas igrejas, por altas que sejam, não chegam até aos céus... E a divulgação da Bíblia e da literatura bíblica, em grande escala, por editoras católicas, fez aproximar ainda mais as duas igrejas. Já se foi o tempo em que só protestante lia a Bíblia. Já se foi o

tempo em que, ao depararmos com alguém portando uma Bíblia ou citando-a, podia-se ter certeza que se tratava de protestante. Hoje, certamente, não haveria mais clima para as diatribes que o famoso Padre Perereca assacou contra o rev. Kidder, no século passado. Talvez até os dois se dessem as mãos para um trabalho conjunto... Há, ainda, outros exemplos significativos, dos quais citarei apenas um: livros de autores protestantes e sobre o protestantismo aparecerem publicados por editoras católicas. Quem tal crera nisto, há alguns anos? O belo estudo do pastor presbiteriano Júlio Andrade Ferreira sobre Erasmo Braga (outro pastor presbiteriano) foi editado pela Vozes, a editora franciscana de Petrópolis; e, mais recente, o excelente livro **No celeste porvir**, sobre a "inserção do protestantismo no Brasil", do pastor presbiteriano-independente Antônio Gouvêa de Mendonça, acaba de ser publicado pelas Edições Paulinas... Não tenho conhecimento, mas é possível que haja, no caso, uma recíproca verdadeira.

Há uma coisa, todavia, que os protestantes, parece, não compreendem, porque, se compreendessem, não perderiam tanto tempo em polemizar com os católicos: é que, para o catolicismo, a Bíblia não é a única regra-de-fé, o único fundamento de suas doutrinas. Ao contrário do protestantismo, para o qual o que não estiver na Bíblia não deve ser aceito, o catolicismo, além da Bíblia, fundamenta-se, também, para as suas doutrinas, no ensino da Patrística, nas decisões conciliares e até na tradição. E de 1870 para cá, também nas decisões papais, pois o Concílio Vaticano daquele ano aprovou, como dogma, a infabilidade do supremo pontífice quando define matéria de doutrina, mesmo sem o respaldo de decisões conciliares. Haja vista, por exemplo, o dogma da Assunção de Nossa Senhora, definido por Pio XII a 19 de novembro de 1950, pela "constituição apostólica **Munificentissimus Deus**, e que não contou com nenhum respaldo conciliar. É inútil, portanto, afirmar que os católicos estão errados porque aceitam certas doutrinas que não têm apoio bíblico. Para eles, não precisa ter. Se tais doutrinas forem resultantes de ensinamentos dos santos padres, de decisões conciliares, de definições papais ou da simples tradição, para eles, católicos, são válidas da mesma forma que se estivessem na Bíblia. Eis porque, as polêmicas entre as duas grandes igrejas cristãs jamais chegarão a algum resultado. Mas, como se afirmou, elas tiveram um lugar de muito destaque na mentalidade religiosa do Brasil, razão pela qual não podem ser ignoradas. Daria um belo livro, aliás, se alguém se dispusesse a um estudo crítico dessas polêmicas, tanto do lado católico, como do protestante. Aqui fica a sugestão.

Voltemos, para encerrar estas já longas considerações, ao livro de Eduardo Carlos Pereira. Ele não deve ser apreciado apenas por ter dado origem à vasta polêmica a que me referi e da qual cuidou, zelosamente, Adolfo Machado Corrêa. Não tenho condições de informar aos leitores se

O problema religioso da América Latina alguma vez foi reeditado ou se ficou na edição original de 1920. O de Leonel Franca, **A Igreja, a Reforma e a Civilização**, fez jus pelo menos a duas reedições. Os que se lhe seguiram — **Catolicismo e Protestantismo** (1933) e **O Protestantismo no Brasil** (1938) — creio que ficaram nas primeiras edições. Da mesma forma os livros de seus opositores. Com toda a vasta erudição que os autores demonstraram (de ambos os lados), pouco adiataram seus livros para o esclarecimento das questões neles ventiladas. Diria mesmo, correndo, talvez, o risco de exagero, que não fariam falta se não existissem. Os três enormes volumes de Leonel Franca certamente não acrescentaram nada ao currículo do ilustre jesuíta; ninguém irá apreciar ou julgar Otoniel Mota pelos cinco opúsculos que publicou, calando o próprio nome, pois preferiu ocultar-se sob o pseudônimo de Frederico Hansem; Ernesto Luís de Oliveira será sempre lembrado como excelente pastor e grande professor de matemática do Ginásio de Campinas e da Faculdade de Engenharia do Paraná; e quanto a Lisânias de Cerqueira Leite, seu nome sobrevive mais como pastor e como competente engenheiro ferroviário da Central do Brasil, que também foi.

O livro de Eduardo Carlos Pereira poderá sobreviver sem que se lhe associem os demais que dele resultaram. Não sei se conviria ser reeditado tal como foi publicado em 1920. Seu autor, se vivo, certamente seria o primeiro a fazer-lhe acurada revisão. Legítima associação de idéias faz-me aproximar o livro de Eduardo Carlos Pereira de outro, pouco anterior, mas igualmente sugerido pelo Congresso do Panamá: o de Erasmo Braga, **Panamericanismo: aspecto religioso**; dele cuidou, em número anterior desta publicação, a professora Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci e o melhor que teria a fazer é remeter os leitores interessados ao seu ensaio **Fontes campineiras do panamericanismo**.

Quanto ao outro livro de Eduardo Carlos Pereira — **A Maçonaria e a Igreja Cristã** — não sei em que conceito ele é tido atualmente nos próprios meios evangélicos. Existirá, ainda, no presbiterianismo o problema maçônico? e se existir, deverá ele ser questionado nos mesmos termos em que o foi no início do século? Por outro lado, as gramáticas do grande mestre, infelizmente, não mais se reeditam. Os modernos consideram-nas “ultrapassadas”, “obsoletas” e outras coisas mais. Mas é o caso de perguntar-se — aprende-se a língua hoje mais do que se aprendia nas velhas gramáticas de Carlos Pereira?

Há no livro de Adolfo Machado Corrêa alguns toques humanos que certamente sensibilizarão aos leitores, como sensibilizaram a mim: o cotidiano na vida do grande brasileiro; os depoimentos de seus contemporâneos, especialmente dos que foram seus alunos no Ginásio do Estado, na Capital; o corajoso prefácio do venerando pastor dr. Seth

Ferraz; e evocação de figuras exemplares de sua família ( e é-me grato recordar, aqui, o nome de um seu neto, o saudoso Eduardo Pereira de Magalhães, que foi meu companheiro de trabalho durante muitos anos em importante estabelecimento de ensino da capital paulista ); e, como se não bastasse, o desprendimento que tornou possível a edição do livro de outro neto de Eduardo Carlos Pereira, o engenheiro Flávio Pereira de Magalhães, “representando os netos e admiradores” do grande filólogo e líder religioso.